

A ARQUIVÍSTICA, OS ARQUIVISTAS E OS ARQUIVOS NO CANADÁ ARCHIVAL SCIENCE, ARCHIVISTS AND ARCHIVES AT CANADA

CAROL COUTURE | Professor emérito da École de bibliothéconomie et des sciences de l'information (EBSI), da Université de Montréal, e ex-conservador e diretor-geral dos arquivos da Bibliothèque et Archives nationales du Québec (BanQ).

RESUMO

Este artigo trata da evolução da arquivística canadense, de 1970 até o presente, a partir dos princípios e fundamentos teóricos, funções, práticas profissionais, formação dos arquivistas e recursos disponíveis, permitindo uma visão do estado de desenvolvimento dos arquivos no país e, especialmente, em Quebec. Isto num contexto em que o presente e o futuro da disciplina são fortemente afetados pela “onda digital” que transformou e continua a transformar irreversivelmente o cotidiano.

Palavras-chave: arquivística; arquivos; onda digital.

ABSTRACT

This article presents the evolution of Canadian Archival Science, from 1970 to the present, based on principles and theoretical foundations, functions, professional practices, the training of archivists and available resources, which enables bringing to light the state of development of archives in the country, and, more particularly, in Quebec. And this in a context where the present and the future of the discipline are being strongly affected by the “digital wave”, which has transformed and continues to transform daily life in an irreversible manner.

Keywords: archival science; archives; digital wave.

RESUMEN

El artículo demuestra la evolución de la archivística en Canadá, desde 1970 hasta el presente, a partir de los principios y fundamentos teóricos, las funciones, las prácticas profesionales, la formación de los archiveros y los recursos disponibles, lo que permite una visión del desarrollo de los archivos en el país y, especialmente, en Quebec. Y esto en un contexto en que el presente y el futuro de la disciplina son fuertemente afectados por la “ola digital” que ha transformado y continúa a transformar irreversiblemente el cotidiano.

Palabras clave: archivística; archivos; ola digital.

Para compreender as questões que se apresentam para os arquivos e o futuro dos centros de arquivo no Canadá, parece-nos indispensável compreender as especificidades da disciplina que rege a gestão de arquivos e as instituições que deles estão encarregadas. Como refletir sobre a situação atual e o futuro das instituições arquivísticas no Canadá sem ter uma ideia precisa do estado do desenvolvimento da disciplina que orienta seu funcionamento cotidiano e o dos profissionais que lá trabalham?

Veremos ao longo deste artigo que o presente e o futuro da disciplina arquivística estão sendo fortemente afetados pela “onda digital” que transforma e vai continuar a transformar irreversivelmente o cotidiano da nossa sociedade. Se nos pedissem para identificar o elemento mais importante do desenvolvimento experimentado pela arquivística nos últimos anos e que marcará o futuro dessa disciplina, certamente as respostas unânimes seriam as tecnologias da informação e seu impacto na gestão da informação.

Mas, se voltarmos no tempo, veremos que a profissão de arquivista era completamente diferente quarenta anos atrás. De fato, na década de 1970, não considerávamos a arquivística como uma disciplina. Na literatura profissional da época, ela era apresentada como nada mais do que uma subdisciplina da história (Favier, 1975; Bautier, 1961).

No Canadá, um conjunto de trabalhos, de relatórios e de livros desempenhou papel fundamental no desenvolvimento dos centros de arquivos, na evolução da disciplina arquivística e na conscientização dos arquivistas. Em primeiro lugar, pensamos no relatório Symons (1975), intitulado *Se connaître; le rapport de la Commission sur les études canadiennes*, que discute a importância dos arquivos para o conjunto das pesquisas realizadas no Canadá. Destaca-se, também, a publicação do *Rapport du Comité d'étude sur la politique culturelle fédérale* (Applebaum; Hébert, 1982), que reconhece os arquivos como um componente essencial da cultura canadense. A partir deste avanço, em Kingston, em 1983, os arquivistas convidaram os pesquisadores e os políticos para se juntarem a eles na realização de um grande congresso. Sob o título *Pour un développement planifié des archives canadiennes – Planning for Canadian Archives* (Beyea; Caya, 1983), os participantes concordaram quanto às prioridades para o estabelecimento de um sistema de arquivos canadense. Finalmente, o relatório Wilson (1985), intitulado *Les archives canadiennes: rapport au Conseil de recherche en sciences humaines du Canada: rapport du Comité consultatif sur les archives*, foi a continuação lógica dos relatórios anteriores e do congresso de 1983. Nele, estabeleceram-se as bases para um verdadeiro “sistema arquivístico canadense”, que se concretizará com a criação do *Conseil canadien des archives* (CCA) em 1985. Esses são os principais marcos que, em um período de dez anos, deram origem ao nascimento de uma verdadeira arquivística canadense, de um sistema canadense de arquivos e ao reconhecimento do trabalho do arquivista.

Atualmente, pode-se dizer que no Canadá, sem dúvida, assim como em outras partes do mundo, a arquivística tornou-se uma profissão, uma disciplina específica, com plenos direitos nas universidades, nos círculos de pesquisa e na sociedade em geral. Para compreender o caminho percorrido, há que se considerar a quantidade de textos produzidos – monografias, artigos em revistas profissionais e científicas, pesquisas (relatórios, dissertações e teses) – e

de eventos de todo tipo (congressos, simpósios, conferências e *workshops*) que animam as comunidades arquivísticas locais, nacionais e internacionais.

Será abordada em cinco pontos a situação da arquivística, dos arquivistas e dos arquivos no Canadá em 2015 e suas perspectivas de desenvolvimento.¹ Veremos que a arquivística contemporânea é uma disciplina que baseia suas ações em princípios e fundamentos teóricos reconhecidos, funções e práticas comprovadas, arquivistas formados e qualificados e recursos adequados. Esses são os elementos que desejamos examinar para traçar um quadro, o mais realista possível, do estado de desenvolvimento e do futuro dos arquivos no Canadá. Note-se que a nossa proposta se inscreve num contexto mais canadense e local, quebequense, sem desprezar a realidade mais ampla.

PRINCÍPIOS E FUNDAMENTOS TEÓRICOS RECONHECIDOS

A arquivística possui princípios orientadores da ação científica do arquivista.² O princípio do respeito aos fundos, o princípio da territorialidade, o ciclo de vida dos arquivos, a ligação entre as atividades e a produção dos arquivos e o caráter essencial de intervenção no curso dos fatos são os fundamentos teóricos que constituem o eixo da arquivística contemporânea. Vale a pena frisar que é fundamental revisitar frequentemente esses princípios básicos, a fim de refiná-los, enriquecê-los e melhorá-los? Lembremo-nos, entretanto, de que reexaminar não é rejeitar, revisitar não é demolir. Em suma, é preciso distinguir evolução e revolução.

Em primeiro lugar, o princípio do respeito aos fundos e o conceito de fundo estão entre os pilares mais importantes na demarcação do trabalho do arquivista. De acordo com a definição proposta por Michel Duchein em 1977, e que ainda hoje é amplamente citada, “o respeito aos fundos [...] consiste em manter agrupados, sem misturá-los a outros, os arquivos (documentos de qualquer natureza) provenientes de uma administração, de uma instituição ou de uma pessoa física ou jurídica” (Duchein, abr. 1982/ago. 1986, p. 14).³

Basta pensar nos textos magistrais que nossos colegas arquivistas alemães, americanos, australianos, canadenses, espanhóis, franceses, holandeses ou italianos – para citar apenas alguns – têm publicado sobre o assunto para compreender o sentido amplo e o caráter essencial do princípio que orienta as ações e decisões do arquivista em seu trabalho cotidiano. Temos de admitir que ele nos dá um fundamento teórico que confere força e rigor à disciplina arquivística. Lembremo-nos, no entanto, de que este princípio continua a ser uma base teórica e que como tal deve ser tratado. Ele é muito mais do que uma simples receita que se aplica sem *nuanças* e da mesma forma a todas as realidades. O princípio do respeito aos fundos também distingue o arquivista de outros profissionais da gestão da informação, aju-

1 Havíamos feito um exercício comparável em 1993 (Couture, 1993).

2 Os princípios e fundamentos arquivísticos foram tratados em Rousseau; Couture, 1994. Há uma atualização deste livro, em Couture; Lajeunesse, 2014.

3 N.E.: Optou-se por citar a tradução brasileira.

dando a torná-lo um especialista que apoia suas ações e decisões em fundamentos teóricos reconhecidos.

Apesar dos questionamentos pertinentes que sua aplicação suscita, sobretudo no que diz respeito aos documentos natos digitais, o princípio do respeito aos fundos continua sendo uma sólida base teórica para a prática arquivística em muitos países. Como já afirmávamos em 1994, “o princípio do respeito aos fundos será discutido, aprofundado, contestado, mas permanece como a base da arquivística moderna” (Rousseau; Couture, 1994, p. 32). Lembremo-nos de que, no Canadá, a publicação de *Règles pour la description des documents d’archives* (RDDA) desempenhou um papel importantíssimo na adoção do fundo como base de descrição arquivística em um impressionante número de instituições arquivísticas de todo o país. No nível internacional, o Conselho Internacional de Arquivos (CIA) tem contribuído muito, por intermédio da publicação da *Norma geral internacional de descrição arquivística – ISAD(G)*, para a divulgação desse princípio aos seus 1.400 membros, distribuídos por cerca de duzentos países e territórios. Mas, qual é o futuro da aplicação deste princípio? Como afirma uma arquivista francesa,

É muito interessante constatar que os princípios fundamentais da arquivística resistem bem na era digital, quando se trata de avaliar e criticar suas origens constitutivas, a saber: os princípios de proveniência, de respeito aos fundos, de que um documento só deve ser visto em seu contexto de criação e utilização, o que permite os arranjos por níveis de descrição. [...]. Esses princípios continuam sendo totalmente operativos e eficientes [...]. Eles permanecem perfeitamente aplicáveis na era digital e podem mesmo servir como apoio, até certo ponto, para que se encontre uma metodologia diante de uma informação cada vez mais fragmentada e movediça (Banat-Berger, 2012, p. 48).

O princípio da territorialidade, por outro lado, que determina que se faça todo o possível para deixar os arquivos na região em que foram produzidos, é outro fundamento que caracteriza fortemente a arquivística. A aplicação deste princípio permite atender melhor às necessidades do pesquisador, porque dessa forma a ligação entre os fundos e os seus produtores fica assegurada. Em Quebec, por exemplo, esse princípio está na origem da criação de uma rede composta por mais de quarenta centros de arquivo – dez centros de arquivo regionais da *Bibliothèque et Archives nationales du Québec* (BANQ)⁴ e 36 serviços de arquivo

4 Os centros regionais da Bibliothèque et Archives nationales du Québec são: o Centre d’archives de l’Abitibi-Témiscamingue et Nord-du-Québec, o Centre d’archives du Bas-Saint-Laurent et de la Gaspésie-Îles-de-la-Madeleine, o Centre d’archives de la Côte-Nord, o Centre d’archives de l’Estrie, o Centre d’archives de Gaspé, o Centre d’archives de la Mauricie et Centre-du-Québec, o Centre d’archives de Montréal, o Centre d’archives de l’Outaouais, o Centre d’archives de Québec, o Centre d’archives du Saguenay-Lac-Saint-Jean. Para mais informações sobre estes centros regionais, ver: <http://www.banq.qc.ca/a_propos_banq/informations_pratiques/centres_archives/ca_general.html>. Acesso em: 16 mar. 2015.

privados agregados.⁵ A experiência positiva dos últimos vinte anos, que tornou Quebec reconhecida em matéria de regionalização das atividades arquivísticas, evidencia o grande interesse que essa rede apresenta para a cooperação, bem como para a criação e preservação de uma identidade e de um pertencimento regionais.⁶ Vários outros componentes do sistema de arquivos canadenses consideram atentamente os resultados significativos que a aplicação desse princípio representa para os cidadãos, os próprios arquivos e seus usuários.

O ciclo de vida dos arquivos constitui outro princípio arquivístico ao qual alguns acrescentaram *nuances* criteriosas, ao introduzir a noção de *records continuum* (Atherton, 1985-1986, e vários autores australianos). Ele permite uma separação simples e saudável da massa de documentos que compõem o arquivo de uma instituição – arquivo corrente, intermediário e permanente –, para viabilizar sua gestão de modo mais realista. Tem-se aqui mais uma base disciplinar que faz do arquivista canadense um “profissional” capaz de lidar com o aumento constante dos conjuntos documentais sob sua responsabilidade. Note-se que este princípio está sendo, na atualidade, revisto e demanda adaptações para responder adequadamente ao mundo digital. Isto se aplica particularmente à fase de “arquivamento intermediário”.

A estreita ligação entre as atividades do produtor dos documentos (pessoa física ou jurídica) e os próprios documentos constitui mais um dos fundamentos sobre os quais se baseiam as intervenções do arquivista. Sabe-se agora que o arquivista deve adquirir um conhecimento profundo da pessoa ou instituição que produziu os documentos antes de neles realizar qualquer intervenção. Ao trabalhar com o arquivo de uma pessoa, nos aproximamos, sem dúvida, de seu círculo mais próximo. Mais do que um amigo, o arquivista torna-se um íntimo, que sabe tudo sobre aquela pessoa.⁷ Não há dúvida de que este princípio, diretamente ligado ao respeito aos fundos, continuará no futuro a caracterizar o desenvolvimento da disciplina arquivística.

Por fim, na arquivística contemporânea, tanto no Canadá como em outros lugares, a importância da intervenção ao longo da produção dos documentos não precisa mais ser demonstrada. A produção de documentos por meio dos imensos recursos fornecidos pela tecnologia da informação torna-se mais evidente a cada dia. O arquivista já não pode, da mesma forma que com o analógico, intervir no final do ciclo de vida dos documentos. No domínio dos documentos natos digitais, os autores demonstram concordância quanto ao

5 O regulamento de aprovação de um serviço de arquivo privado o define assim: “uma organização que preserva e torna acessível arquivos privados e que recebeu o reconhecimento oficial do governo de Quebec, o que o torna um parceiro privilegiado [da BAnQ] na preservação e valorização do patrimônio arquivístico coletivo”. Para saber mais sobre esses serviços, ver: <http://www.banq.qc.ca/archives/archivistique_gestion/services_partenaires/privees_agrees/rsapaq/>. Acesso em: 16 mar. 2015.

6 Pode-se também citar o exemplo do Reino Unido, que desenvolveu um amplo sistema de “acreditação” de serviços de arquivos. Ver: <<http://www.nationalarchives.gov.uk/archives-sector/archive-service-accreditation.htm>>. Acesso em: 16 mar. 2015.

7 Na área de arquivos institucionais, esse conhecimento pode ser adquirido pela análise das necessidades que discutiremos mais adiante neste texto, quando apresentarmos as funções arquivísticas.

caráter essencial da intervenção concomitantemente à sua produção. Se o arquivista não estiver presente no momento da criação da informação, para, entre outras coisas, registrar as decisões arquivísticas nos metadados, não mais conseguirá fazê-lo. Jamais poderá recuperar uma realidade tão volátil.

Sabe-se, agora, que a informatização marcou as atividades de nossas administrações, mas a democratização do acesso à grande rede que é a internet e todas as mudanças daí decorrentes não abalaram os princípios e fundamentos teóricos da disciplina. Essas grandes mudanças os vêm colocando à prova, e têm-nos forçado a revê-los, refiná-los e ajustá-los para aplicação, mas a sua relevância ainda se justifica. Citamos, como exemplo, a redescoberta e o fortalecimento do princípio do respeito aos fundos decorrente da busca de autenticidade e integridade essenciais para informatizar as atividades da nossa administração (Dollar, 1994).⁸ Por isso, no futuro, deve-se prestar especial atenção ao aperfeiçoamento dos princípios e fundamentos teóricos que caracterizam a arquivística contemporânea, mas isso deve ser feito com o máximo de respeito a essas bases que têm contribuído para dar solidez e credibilidade à disciplina e à profissão.

FUNÇÕES CLARAMENTE IDENTIFICADAS

Como disciplina, a arquivística canadense definiu um conjunto de funções que lhe são próprias e que se fundamentam na realidade das intervenções do arquivista. Baseadas numa análise das necessidades, a racionalização da produção de documentos, a avaliação, a aquisição (crescimento), arranjo, descrição, difusão e preservação são as funções que consideramos como conquistas para a disciplina arquivística. Elas já foram analisadas e descritas em detalhes e é desnecessário repeti-lo aqui.⁹ Se quisermos, contudo, entender o avanço da arquivística e antecipar os desafios que enfrentará no futuro, parece-nos essencial apresentar uma visão geral que permita apreender com maior precisão como se articulam as intervenções do arquivista. Se os princípios e fundamentos teóricos fornecem coluna vertebral à arquivística, as funções constituem sua musculatura. Devidamente estruturadas em uma política de gestão de documentos (Couture, 1999, p. 3-30), as funções arquivísticas balizam a organização e o tratamento dos documentos ao longo de todo o seu ciclo de vida. Mas como se definem e apresentam essas funções?

Pela análise das necessidades em que se apoiam as funções arquivísticas, o arquivista precisa de meios (como faz o médico por um exame geral) para “adquirir conhecimento adequado, completo e abrangente da pessoa ou organização [...] e do contexto em que [...] foram geradas [...] as massas documentais” (Couture, 1999, p. 15). Em consequência, ele deve

8 Este autor norte-americano foi um dos primeiros a afirmar a importância do princípio do respeito aos fundos para garantir a autenticidade dos dados digitais. Isso também foi afirmado em várias ocasiões ao longo da implementação das diversas fases do Projeto InterPares (<<http://www.interpares.org/>>. Acesso em: 18 mar. 2015).

9 As funções arquivísticas foram tratadas em Couture, 1999. Uma atualização deste livro foi lançada em 2014 (Couture; Lajeunesse, 2014).

necessariamente estar presente no momento da criação dos documentos e da informação que eles contêm, para ancorar as intervenções a serem feitas ao longo do seu ciclo de vida, como mencionado anteriormente. Isto se torna ainda mais importante num mundo em que os documentos oriundos de tecnologias da informação são agora onipresentes. A avaliação administrativa e científica dos documentos, que permite assegurar que se mantenha somente aquilo que deve ser mantido, durante o período em que deve ser e onde deve ser, constitui o núcleo central da arquivística contemporânea e o que dá racionalidade e relevância à aquisição de arquivos, institucionais ou pessoais. De sua parte, o arranjo ordena – aplicando o princípio do respeito aos fundos – as massas documentais que constituem os arquivos e permite reparti-las para facilitar a gestão cotidiana, enquanto a descrição, em conformidade com as normas aplicáveis,¹⁰ é essencial para a eficácia e rapidez da recuperação posterior da informação. Lembremo-nos de que as tecnologias da informação facilitam a classificação e a descrição, mas não diminuem, de modo algum, a sua relevância.

Uma vez devidamente tratados, organizados e fisicamente acessíveis, os documentos podem ser divulgados, valorizados e explorados como parte das atividades que aproximam os usuários.¹¹ Nesse sentido, continuamos a acreditar naquilo que afirmamos em 1982, 1988 e 1999: “o objetivo final do arquivista é tornar acessíveis e preparar [os documentos] para divulgação [...]. [Eles] só poderão desempenhar plenamente o seu papel se forem adequadamente divulgados” (Couture, 1999, p. 22). No domínio da divulgação e da aproximação dos arquivos de seus usuários, os desafios futuros são ainda maiores e há muito trabalho a ser feito pelos arquivistas canadenses. Por fim, não se deve esquecer a função tradicional, a missão fundamental da arquivística, que é a preservação. Com esse objetivo, o arquivista deve fazer todos os esforços para se assegurar de que os arquivos sob sua responsabilidade sejam conservados de forma permanente. A esse respeito, seria necessário sublinhar as preocupações advindas com as tecnologias que utilizam suportes cuja longevidade dificilmente pode ser avaliada com precisão? O futuro da arquivística será certamente marcado pelo desenvolvimento que se impõe nessa área.

Esta rápida revisão das funções que delimitam as intervenções cotidianas do arquivista visou destacar a estrutura em torno da qual se articulam a ação do arquivista e a arquivística contemporânea, que estão definitivamente sistematizadas. Elas não se caracterizam mais por uma sequência de operações limitadas, são algo diferente de uma “arquivística de sobrevivência”. Em resumo, os arquivistas canadenses têm agora ferramentas relativamente bem desenvolvidas para exercer plenamente o seu papel. Se levarmos em conta os diferentes contextos de uma instituição para outra, se tivermos uma visão geral e organizarmos as funções arquivísticas em um plano de ação, se as colocarmos frente a uma legislação e a uma

10 Pensamos nas *Règles de description des archives au Canada* (RDDA), e na *Norma geral internacional de descrição arquivística – ISAD (G)*, no plano internacional.

11 Pensamos nas exposições virtuais, entre outras atividades, e em todos esses meios que utilizam as tecnologias de informação que, rapidamente, estão se tornando excelentes maneiras de divulgar os arquivos para os mais diversos públicos.

regulamentação eficazes, que lhes proporcionem os recursos humanos, materiais e financeiros necessários à sua implementação, chegaremos então a uma imagem bastante precisa do que é a intervenção arquivística. Uma ação estruturante e dinâmica sobre os arquivos produzidos em decorrência das numerosas atividades humanas, ação que é essencial para o bem-estar de toda a sociedade. Como afirma o ex-presidente do Conselho Internacional de Arquivos, Martin Berendse:

Na nossa sociedade contemporânea, em que a informação é considerada como um bem de grande valor, o arquivista deve obrigatoriamente se reposicionar como gestor da informação. Ele deve se outorgar um papel de ator fundamental na realização dos grandes objetivos de interesse geral, entre os quais a responsabilidade democrática, a transparência administrativa e a proteção dos direitos do cidadão. Sem sistemas de arquivamento eficientes, as grandes políticas do setor público, como o governo aberto (“open government”) e de dados abertos (“open data”), poderão nunca tomar corpo. Na era da informação, o arquivista deve dispor de ferramentas que lhe permitam gerenciar, conservar e disponibilizar ao público todos os tipos de documentos criados em formato digital (Berendse, 2013).

Naturalmente, no futuro, a ordem das funções arquivísticas que acabamos de descrever e as operações que elas fundamentam terão de ser constantemente revistas e reavaliadas à luz das grandes e sucessivas transformações trazidas pelas tecnologias da informação, e que a evolução normal da disciplina exige.

PRÁTICAS RECONHECIDAS E COMPROVADAS

Em uma obra publicada em 1993, mostramos que a grande maioria dos países do mundo delimitam suas práticas arquivísticas por meio de leis e regulamentos (Couture; Lajeunesse, 1993). Constatamos também, é claro, que a força e o vigor dessas legislações eram extremamente variáveis de um país a outro. O fato é que, no plano legal, já se notava um grande avanço. Basta analisar o progresso alcançado entre a primeira compilação de legislações arquivísticas nacionais, publicada pelo Conselho Internacional de Arquivos na revista *Archivum* (substituída, em 2001, pela revista *Comma*) no início de 1970, e a que foi apresentada no mesmo periódico no início dos anos 1980.¹² É evidente que a necessidade de um fundamento jurídico para apoiar as intervenções do arquivista tem sido amplamente reconhecida. Hoje, observa-se uma evolução muito interessante nesta área. Em vários países, o aparato

12 Na sua revista *Archivum*, o Conselho Internacional de Arquivos publicou as seguintes recompilações: La législation archivistique. I. Europe 1^{ère} partie: Allemagne – Islande, *Archivum*, v. 17, 1967, 268p. La législation archivistique. I. Europe 2^e partie: Italie – Yougoslavie, *Archivum*, v. 19, 1969, 258p. La législation archivistique. II. Afrique, Asie, *Archivum*, v. 20, 1970, 243p. La législation archivistique. III. Amérique, Océanie, *Archivum*, v. 21, 1971, 239p. La législation archivistique 1970-1980, *Archivum*, v. 28, 1982 (que é uma atualização das precedentes), 447p.

legislativo em matéria de arquivos foi significativamente renovado, além de terem sido feitas as ligações necessárias com outras leis que têm impacto direto na gestão de arquivos, como as leis de acesso à informação e aquelas que regem a proteção das informações pessoais, para citar algumas. Note-se que, no Canadá, a última lei de arquivos foi adotada em 2004, quando da fusão da *Bibliothèque nationale* com os *Archives nationales*. Trata-se de uma lei institucional, uma vez que não regula diretamente a gestão de documentos, mas estabelece a criação da *Bibliothèque et Archives Canada*. Ocorre o mesmo em Quebec em 2006, quando se adota a lei de criação da nova instituição resultante da fusão da *Bibliothèque nationale* e do *Archives nationales*. Não se alterou, entretanto, a Lei de Arquivos que continua a regulamentar a sua gestão. Ainda em Quebec, nota-se a expansão significativa experimentada pela definição de arquivos (para nela incluir os documentos oriundos das tecnologias da informação), com a adoção em 2001 da lei referente ao quadro jurídico das tecnologias da informação.¹³ Deve-se mencionar, por fim, que já foram realizadas em Quebec as etapas preliminares de uma revisão profunda da Lei de Arquivos de 1983.

As leis e regulamentos que regem os arquivos têm cada vez mais obrigado os arquivistas a documentar suas práticas e a desenvolver argumentação e capacidade de debater, para convencer as instâncias decisórias e os legisladores dos méritos da implementação de tais leis. Em suma, tudo isso tem favorecido o desenvolvimento de um discurso arquivístico mais sólido e mais bem articulado, permitindo, sobretudo, confrontar as práticas arquivísticas com as restrições legais. Reiteramos que as legislações e as regulamentações arquivísticas, à medida que forem revistas e atualizadas, terão de levar em conta a informatização que, no Canadá como em outros lugares, transformou a sociedade em geral e o mundo da informação, em especial.

Como esperado, esses avanços levaram a arquivística ao terreno da normalização. A criação de leis sobre arquivos implicou a sua racionalização, tornando-se logo indispensável a adoção de normas cada vez mais precisas para embasar as práticas arquivísticas. O Conselho Internacional de Arquivos percebeu bem essa realidade, ao editar, em 2013, um número especial de sua revista *Comma* inteiramente dedicado à normalização, intitulado *Normes pour les documents et les archives*.¹⁴

O arranjo, a descrição, a avaliação, a preservação e a digitalização são áreas nas quais se estabeleceram normas que regulamentam as práticas arquivísticas canadenses e que desfrutam agora dos benefícios desses esforços de normalização. Por exemplo, a utilização de tabelas de temporalidade está assegurada e a aplicação de sistemas de classificação para os documentos correntes é cada vez mais generalizada. Ocorre o mesmo com os sistemas informatizados dedicados à gestão de documentos, que estão muito mais presentes, e com

13 Consulte a lei sobre os arquivos do Quebec (L.R.Q. c. A-21.1), adotada em 1983, e a lei relativa ao quadro jurídico das tecnologias da informação (L.R.Q. c. C-1.1), adotada em 2001. Disponível em: <http://www2.publicationsdu-quebec.gouv.qc.ca/dynamicSearch/telecharge.php?type=2&file=/C_1_1/C1_1.html>. Acesso em: 16 mar. 2015.

14 *Comma* 2011-2012.

os meios de recuperação, que agora se baseiam sistematicamente nas tecnologias. Isso se dá também com muitas das atividades arquivísticas que foram profundamente transformadas e normalizadas para melhor atender as necessidades dos usuários e da sociedade canadense e se adaptar ao funcionamento de nossas administrações.

A gestão dos centros de arquivo mostra bem essa situação, pois a arquivística canadense superou em muito as práticas aleatórias e empíricas. Os trabalhos desenvolvidos para criar, melhorar, modernizar a legislação arquivística, os investimentos significativos realizados para estabelecer normas que agora regulamentam várias intervenções arquivísticas, a racionalização que a normalização trouxe para as principais ferramentas à disposição do pesquisador e do público em geral, tudo isso só tem contribuído para melhorar as práticas arquivísticas, assegurar-lhes relevância e adaptá-las cada vez mais às realidades atuais. A disciplina arquivística e a profissão do arquivista se beneficiaram enormemente desses avanços em termos de credibilidade científica e profissional. A arquivística está agora mais madura e em melhor posição para reivindicar o que tem direito entre as ciências da informação. Além disso, percebe-se que a sociedade canadense espera muito da arquivística contemporânea e considera o arquivista como responsável pela missão essencial de gerir adequadamente os documentos, desde sua criação até sua eliminação, ou ao longo da sua preservação permanente, se for o caso, para torná-los acessíveis às gerações futuras. Prova disso foi o trabalho empreendido pela *Société royale du Canada*, em 2013, com o intuito de realizar uma avaliação documentada, refletida e profunda sobre o estado e o futuro das instituições arquivísticas e das bibliotecas no Canadá (*Société royale du Canada*, 2014). Pretende-se, assim, garantir que a sociedade canadense possa tirar o máximo proveito dessas instituições de saber e que o seu direito de acesso à informação seja respeitado.

ESPECIALISTAS COMPETENTES

No seu desenvolvimento, a profissão de arquivista teve de diversificar e ampliar a sua oferta de especialistas. Percebeu-se que as necessidades às quais o arquivista deve agora responder são muito precisas. Ele deve se envolver na gestão de documentos ao longo de todo o seu ciclo de vida e dar conta tanto do campo dos arquivos correntes e intermediários – muitas vezes chamado de “gestão de documentos” – quanto dos arquivos permanentes ou “históricos”, que são um bem patrimonial de primordial importância. De maneira geral, na década de 1970, a pessoa envolvida na gestão dos arquivos correntes e intermediários era responsável pela ordenação e conservação física dos documentos. Os nossos colegas de língua inglesa falavam do *filig clerk*. Confinado quase que exclusivamente a este papel, a caixa de arquivo tradicional era a primeira imagem com a qual ele era associado. O *filig clerk* administrava a guarda física dos documentos e não se esperava que ele se preocupasse com o que fosse relativo ao seu conteúdo. Nesse contexto, não lhe era exigida nenhuma preparação disciplinar ou acadêmica específica, e se desejava que fosse apagado e “prestativo”. O mesmo não acontecia com relação ao arquivista envolvido na gestão dos arquivos permanentes. Nesse caso, ao contrário, esperava-se que fosse forma-

do em história, sem se reconhecer a importância dos conhecimentos em arquivística. As coisas mudaram bastante desde então.

Existem hoje vários programas de formação em arquivística aptos a fornecer à sociedade especialistas devidamente formados e competentes. Em vários países, e no Canadá em particular, formam-se atualmente arquivistas generalistas ou especialistas, e isso em diferentes níveis, que vão de pessoal administrativo, passando pelo pessoal de nível técnico e profissional, até a equipe de supervisão. Em suma, o mercado de trabalho canadense pode agora contar com arquivistas formados em programas de nível médio, de graduação e de pós-graduação,¹⁵ em condições de atender aos muitos e importantes desafios impostos pelas administrações modernas e a sociedade em geral. Enfatizamos, particularmente, que os programas de formação de nível universitário oferecem agora cursos de primeiro, segundo e terceiro ciclos que preparam de maneira adequada profissionais de alto nível que dão destaque à realidade arquivística e, sobretudo, credibilidade e importância às intervenções do arquivista. Note-se ainda o papel essencial desempenhado pelos programas de pós-graduação (doutorado) que formam pesquisadores seniores cujo trabalho é incentivar os avanços da disciplina. Será preciso insistir no fato de que a evolução de qualquer disciplina envolve necessariamente a pesquisa, pesquisadores ligados a programas de pós-graduação ou trabalhos desenvolvidos por pesquisadores de pós-doutorado? Tal como acontece com qualquer outra disciplina, sem a contribuição essencial da pesquisa, a arquivística estará fadada a ser desacreditada, se não regredir ou desaparecer.

Abre-se aqui um parêntese para enfatizar a importância que acreditamos existir em formar os nossos arquivistas em um ambiente das ciências da informação, e em um contexto de “harmonização”. Ao longo dos últimos trinta anos, a profissão de arquivista evoluiu num movimento de busca de identidade, de interdisciplinaridade e de constante adaptação às mudanças provocadas pelas tecnologias da informação. Entre os fatores que permitem compreender a evolução da profissão, a convergência parece particularmente interessante. Pensamos aqui na convergência que existe no campo das ciências da informação entre biblioteconomia e arquivística. Muitas instituições de ensino têm explorado esse caminho e tornou-se comum, especialmente na América do Norte, ver instituições de ensino em que a arquivística e a biblioteconomia coexistem. A fusão da *Bibliothèque nationale* e do *Archives nationales* do Canadá para formar a *Bibliothèque et Archives Canada* em 2004, e a da *Bibliothèque nationale* e do *Archives nationales* do Quebec, tornando-se a *Bibliothèque et Archives nationales du Québec* em 2006, se inserem nessa proposta (Couture, 2010).¹⁶ As duas instituições, no entanto, optaram por modelos de fusão muito diferentes. Uma delas escolheu a “integração das profissões”, enquanto a outra adotou uma filosofia de fusão visando

15 Pensamos aqui naqueles, cada vez mais numerosos, que empreendem estudos de pós-doutorado.

16 Este texto apresenta os prós e contras da filosofia da “harmonização das profissões” que, em Quebec, presidiu a fusão da *Bibliothèque nationale* e do *Archives nationales*.

uma “harmonização” das profissões. Tendo participado da implementação do modelo de Quebec, permitam-me descrevê-lo com mais precisão.

Criado em 1920, o *Archives nationales do Québec* era, até 31 de janeiro de 2006, uma diretoria-geral do *Ministère de la Culture, des Communications et de la Condition féminine*. Em 2004, o governo de Quebec havia pedido à direção da *Bibliothèque nationale* e à do *Archives nationales* que estudassem a possibilidade de uma fusão.¹⁷ Após cuidadosa reflexão e uma ampla consulta aos envolvidos, decidiu-se passar à ação e fundir as duas instituições. Ao fazê-lo, a *Bibliothèque et Archives nationales du Québec* escolheu deliberadamente basear o seu processo de fusão em uma filosofia que garantisse o estrito respeito às especificidades próprias das disciplinas de biblioteconomia e arquivística, ou seja, optou pela “harmonização”. A integração teria visado mais uma incorporação, e mesmo a assimilação de uma disciplina por outra, de tal sorte que os bibliotecários fossem arquivistas e que os arquivistas também fossem bibliotecários. Esta abordagem não nos parecia, de modo nenhum, desejável, sobretudo no contexto de Quebec, onde as instituições (arquivos e bibliotecas), os programas de formação e as associações profissionais tinham, e ainda têm, muito respeito pelas especificidades disciplinares.

Sem ignorar as armadilhas que supõe toda fusão, a experiência dos últimos anos na BANQ demonstra claramente que há vantagem na atuação em conjunto de arquivistas e bibliotecários. E essa abordagem se baseia numa premissa que não poderia ser mais clara: bibliotecários e arquivistas trabalham com o mesmo objeto, “informação”. Ao adquiri-la ou avaliá-la, tratá-la ou atribuir-lhe valor, difundi-la ou conservá-la, arquivistas e bibliotecários intervêm na informação. E a par do respeito que se deve ter aos princípios básicos das disciplinas envolvidas, vale a pena compartilhar no plano científico e profissional os conhecimentos aos quais recorreremos para oferecer à sociedade essa riqueza que é o saber. Isto vem sendo claramente demonstrado em Quebec desde 2006 (Berthiaume, 2013).

Ao encerrar esses temas essenciais da harmonização e da convergência, permitimo-nos citar alguns exemplos de campos de estudos que interessam tanto a bibliotecários quanto a arquivistas e com os quais ambas as disciplinas ganham ao partilhar seus saberes específicos. Eles são extraídos de um documento datado de 1987, o que mostra que a abordagem harmonizada está há muito tempo na ordem do dia. Em um texto publicado pela Unesco e ao qual estivemos estreitamente associados, identificamos e apresentamos os principais temas que se prestam “particularmente bem à harmonização, revestindo-se de grande importância para cada uma das profissões mencionadas” (Unesco, 1987, p. 6). Sem pretender ser exaustivos, citamos como exemplo a noção de informação, as políticas de gestão de informação, a análise de sistemas, a administração e a gestão (gestão de recursos humanos, materiais e financeiros), os estudos de usuários, a análise documentária, a utilização de fon-

17 É importante mencionar que a fusão BNQ-ANQ foi precedida, em 2002, pela da Grande bibliothèque du Québec e da Bibliothèque nationale du Québec. Tratava-se, então, de fundir uma grande biblioteca pública de difusão e uma biblioteca nacional responsável pela preservação do patrimônio documental impresso. A instituição manteve, então, logicamente, o nome de Bibliothèque nationale du Québec.

tes de informação, a preservação, o avanço das tecnologias e os métodos de pesquisa (para detalhes, ver Unesco, 1987, p. 7-12). Uma releitura desse documento confirma o caráter atual dessas proposições. E a experiência vivida pela BAnQ desde 2006 permite adicionar a essa lista outros campos de harmonização, como as exposições de documentos, sua valorização e divulgação. E como não mencionar a digitalização, que agora liga as duas comunidades no esforço compartilhado para aproximar a informação do cidadão.

Para que uma profissão avance e continue a se desenvolver, para que seja assegurada a competência das pessoas que nela trabalham, há outro elemento essencial: a reunião em associações profissionais. Vários autores afirmam, com razão, que a saúde de uma disciplina e de uma profissão passa pela capacidade de se unir, de definir objetivos comuns, de trabalhar em conjunto para o avanço de um campo de atividade. Nisso, os arquivistas são excelentes. Prova disso são as muitas associações que, em todos os setores de atividade (gestão de documentos ou arquivos permanentes), reúnem os arquivistas no âmbito local, nacional e internacional. Estamos convencidos de que as numerosas associações profissionais que ligam os arquivistas e as instituições arquivísticas constituem uma impressionante rede de agrupamentos e que os trabalhos realizados em todas essas instâncias contribuem de forma significativa para o aperfeiçoamento dos profissionais e para a valorização, reconhecimento e desenvolvimento dos conhecimentos da disciplina e da profissão, bem como para sua visibilidade.¹⁸ E não se pode deixar de frisar o caráter essencial da existência de uma rede de arquivos canadense forte e estruturada que, como será visto na conclusão, tem sido prejudicada, nos últimos anos, por decisões erradas da *Bibliothèque et Archives Canada*.

RECURSOS ESPECIALIZADOS E ADEQUADOS

Os recursos especializados e adequados constituem o último componente que desejamos abordar para situar o desenvolvimento da disciplina arquivística no Canadá. Ainda que tenhamos desenvolvido um discurso teórico vigoroso e dotado de princípios sólidos, instaurado práticas comprovadas e estabelecido programas de formação eficazes, e que estejamos reunidos em associações profissionais dinâmicas, será necessário que estes elementos se apoiem em recursos materiais, financeiros e tecnológicos suficientes em quantidade e qualidade. Nossa intenção não é descrever em detalhes esses recursos. O objetivo desta proposta é, sim, ver se arquivistas canadenses em geral dispõem de recursos à altura das responsabilidades que lhes são confiadas. Certamente, isso é muito variável de uma administração a outra e seria arriscado querer generalizar demais. Pode-se, no máximo, constatar que há

18 A título de exemplo de visibilidade, mencionamos a feliz iniciativa que tomou a Association des archivistes du Québec de elaborar e lançar a *Déclaration québécoise pour les archives*. O objetivo foi responsabilizar todos os segmentos da sociedade de Quebec pela preservação e difusão dos arquivos. Incentivamos o leitor a consultar as informações sobre esta declaração em: <http://archivistes.qc.ca/declaration/pages/declaration_francais.html>. Acesso em: 16 mar. 2015. Esta declaração é a origem da Declaração universal sobre os arquivos, adotada pela Unesco em 10 de novembro de 2011, e disponível em: <<http://www.ica.org/13344/la-dclaration-universelle-des-archives/la-dclaration-universelle-des-archives.html>>. Acesso em: 16 mar. 2015.

cada vez mais recursos especificamente destinados à gestão de documentos. Com relação aos recursos materiais, como instalações de armazenamento, material de acondicionamento e tudo o que permite garantir a conservação dos documentos em condições adequadas, pode-se dizer que, regra geral, foram feitos progressos significativos. Lembremos de que os arquivistas podem agora aplicar normas e ter acesso a equipamentos bem adaptados à conservação dos documentos sob sua guarda. Com os recursos financeiros, ao contrário, infelizmente, nem sempre é assim.

Deve-se admitir que a gestão de documentos ainda é, muitas vezes, o parente pobre em nossas administrações, sejam elas públicas ou privadas, e é também, muitas vezes, onde recai o corte quando chega a hora de reduzir custos. Apesar dessa situação deplorável em algumas regiões e alguns setores, é animador constatar que o arquivista está mais capacitado a apresentar argumentos bem documentados para defender a sua parte do bolo. Finalmente, na área essencial dos recursos tecnológicos, a gestão de documentos é agora uma área relativamente bem provida. Ainda que apenas alguns anos atrás houvesse pouco ou nenhum sistema estritamente dedicado à gestão dos arquivos (gestão de documentos ou arquivos permanentes), o arquivista dispõe agora de uma boa seleção de ferramentas que foram construídas especificamente para responder ao conjunto de necessidades, seja dos documentos analógicos ou dos documentos digitais.

Pode-se, portanto, afirmar que, quanto aos recursos, o arquivista ainda não está equipado com tudo aquilo de que necessita, mas percebe-se um progresso notável. Resta agora encontrar os meios de garantir a permanência dessas atividades. Nos próximos anos, será necessário desenvolver argumentos para convencer as instâncias decisórias de que, uma vez aprovados os primeiros investimentos, não se deve questionar tudo diante da menor ameaça de redução dos orçamentos. Em suma, é preciso desenvolver um discurso que permita garantir os ganhos em matéria de recursos financeiros. Em arquivística como nas demais áreas, não é esse o ponto nevrálgico?

Para concluir, acreditamos ter comprovado a afirmação de que a arquivística canadense é de fato uma disciplina completa e uma profissão plena. Provas disso são os numerosos avanços apresentados ao longo deste texto como sinais inquestionáveis da saúde e da vitalidade dessa arquivística que agora figura entre as disciplinas científicas, o que permite assegurar o desenvolvimento da profissão de arquivista. Pelos princípios que aplica, pelas funções que norteiam suas ações e as práticas que enriquecem seu cotidiano, as competências adquiridas na sua formação e os recursos especializados com que pode contar, o arquivista é inegavelmente um trunfo para a sociedade canadense. Ele é um componente essencial e participa, sem dúvida, do desenvolvimento da sociedade canadense, ao organizar e divulgar de forma adequada a informação contida nos arquivos correntes e intermediários, e ao difundir, valorizar e tornar acessíveis os arquivos permanentes que constituem parte essencial do patrimônio tão caro a uma sociedade que nele descobre e redescobre, todos os dias, riqueza e importância.

No Canadá, o grande desafio, agora, é que a *Bibliothèque et Archives Canada* (BAC) retome o papel de líder que lhe compete na comunidade arquivística canadense, para o bem dos

pesquisadores, em particular, e dos cidadãos, em geral. Sem querer insistir sobre os numerosos problemas pelos quais passou nos últimos anos, temos de admitir que ela perdeu muito da credibilidade nacional e internacional que havia adquirido ao longo de sua história. Sob o pretexto de modernização de suas atividades, que ela queria inscrever por meio de uma maior presença no mundo digital – o que é relevante e louvável –, a *Bibliothèque et Archives Canada* perdeu seu caminho, seus marcos e seus parceiros. Ela cortou os laços com a comunidade de arquivistas e bibliotecários profissionais, afastou-se de professores universitários e pesquisadores, seus aliados naturais, e não se apresentou em boas condições para os cidadãos canadenses, perdendo seus encantos perante o ministério ao qual está subordinada. Em suma, sua rede precisa ser reconstruída, sua credibilidade refeita e sua imagem restabelecida, o que não é uma tarefa fácil.

Apesar dessa má fase que a *Bibliothèque et Archives Canada* experimentou nos últimos anos, acreditamos que nem tudo está perdido, pelo contrário.¹⁹ A comunidade dos arquivistas canadenses deseja ardente e sinceramente participar do “despertar” da BAC para garantir que esta grande instituição canadense volte a ser o que foi: uma instituição aberta a escutar, uma instituição fundamental, na vanguarda da evolução técnica, tecnológica e científica, apta a exercer uma verdadeira liderança perante uma rede arquivística canadense forte e pronta a enfrentar o desafio imposto pelo mundo digital.

Para finalizar, note-se que uma renovação significativa na alta direção da BAC foi realizada com a nomeação do novo bibliotecário e arquivista do Canadá, Guy Berthaume, em junho de 2014, e do novo chefe de operações, Normand Charbonneau, que assumiu a função em abril de 2015. Isto, certamente, prenuncia dias melhores para a *Bibliothèque et Archives Canada*.

Tradução de Ana Celeste Indolfo e Vitor Manoel Marques da Fonseca. Revisão da tradução: Alba Gisele Gouget.

¹⁹ Diante da difícil situação que, atualmente, enfrenta a rede arquivística canadense, a Association des archivistes du Québec (AAQ), a Association of Canadian Archivists (ACA) e o Conseil canadien des archives (CCA) convidaram os arquivistas canadenses para uma Cúpula sobre arquivos, realizada em Toronto, em 17 de janeiro de 2014. Com o tema *Rumo a um novo modelo de gestão de memória registrada no Canadá*, o encontro forneceu à comunidade arquivística canadense uma oportunidade única para refletir sobre o seu futuro. Ofereceu também uma grande oportunidade para os arquivistas e seus principais parceiros discutirem as novas necessidades dos serviços de arquivos canadenses na era digital. Espera-se que esse evento tenha resultados comparáveis aos do congresso realizado em Kingston, em 1985, e que já mencionamos neste artigo.

Referências bibliográficas

APPLEBAUM, Louis; HÉBERT, Jacques. *Rapport du Comité d'étude sur la politique culturelle fédérale*. Ottawa: ministère des Communications, gouvernement du Canada, 1982. 392p.

ATHERTON, Jay. From Lifecycle to Continuum: Some Thoughts on the Records Management – Archives Relationship. *Archivaria*, n. 21, p. 43-51, Winter 1985-1986.

BANAT-BERGER, Françoise. Les fonctions de l'archivistique à l'ère du numérique. In: DELPIERRE, Nicolas; HIRAUX, Françoise; MIRGUET, Françoise. *Les chantiers du numérique: Dématérialisation des archives et métiers de l'archiviste*. Louvain-la-Neuve: Publications des archives de l'université catholique de Louvain, 2012. p. 39-59.

BAUTIER, Robert-Henri. Les archives. In: SAMARAN, C. (dir.). *L'histoire et ses méthodes*. Paris: Gallimard, (La Pléiade), 1961. p. 1.120-1.166.

BERENDSE, Martin. Déclaration de la présidence: la réponse de l'ICA face aux défis de la conservation numérique. 2013. Disponível em: <<http://www.ica.org/14771/communiquis-officiels/dclaration-de-la-prsidence-la-rponse-de-lica-face-aux-dfis-de-la-conservation-numrique.html>>. Acesso em: 16 mar. 2015.

BERTHIAUME, Guy. Sept ans de bonheur. La convergence à BaNq. Conférence d'ouverture. In: CONGRES DE L'ASSOCIATION DES ARCHIVISTES DU QUEBEC, 42. 2013. Disponível em: <http://www.banq.qc.ca/a_propos_banq/salle_de_presse/discours_allocutions/2013/guy_berthiaume_42e_congres_archivistes.html>. Acesso em: 16 mar. 2015. Este texto está também publicado na revista *Archives*, v. 44, n. 2, p. 3-10, 2012-2013.

BEYEA, Marion; CAYA, Marcel (ed.). *Pour un développement planifié des archives canadiennes – Planning for Canadian Archives: un congrès canadien organisé par l'Association of Canadian Archivists avec la collaboration de l'Association des archivistes du Québec*. Québec, 1983. 127p.

COUTURE, Carol. Archivistique et bibliothéconomie: le défi des identités. Le cas de Bibliothèque et Archives nationales du Québec (BaNq). In: COLLOQUE SPÉCIALISÉ EN SCIENCES DE L'INFORMATION, 2. 2010, Nouveau-Brunswick. *Information et organisation, nouvelles structures et fonctions. Actes...* Université de Moncton, Campus Shippagan, Nouveau-Brunswick, 16-17 jun. 2010, p. 13-19. Disponível em: <http://www.umoncton.ca/umcs/files/umcs/wf/wf/pdf/ACTES_COSSI_2010.pdf>. Acesso em: 16 mar. 2015.

_____. État de maturation de l'archivistique. Les acquis et les perspectives de développement de la discipline archivistique. XXIe Congrès international des Archives. *Archives*, v. 25, n. 1, p. 3-29, 1993.

COUTURE, Carol et al. *Les fonctions de l'archivistique contemporaine*. Québec: Presses de l'Université du Québec, 1999. 559p. (Collection Gestion de l'information).

COUTURE, Carol; LAJEUNESSE, Marcel. *L'archivistique à l'ère du numérique: Les éléments fondamentaux de la discipline*. Québec: Presses de l'Université du Québec, 2014. 278p. (Collection Gestion de l'information).

_____. *Législations et politiques archivistiques dans le monde*. Québec: Documentor, 1993. 417p.

DOLLAR, Charles. Seizing the opportunity: archivists in the information age. *Archivum*, v. XXXIX, p. 449-455, 1994.

DUCHEIN, Michel. O respeito aos fundos em arquivística: princípios teóricos e problemas práticos. *Arquivo & Administração*, Rio de Janeiro, p. 14-33, abr. 1982/ago. 1986.

_____. Le respect des fonds en archivistique: principe théorique et problèmes pratiques. *Gazette des archives*, n. 97, 1977.

FAVIER, Jean. *Les archives*. Paris: Presses universitaires de France, 1975. (Que sais-je # 805).

ROUSSEAU, Jean-Yves; COUTURE, Carol et al. *Les fondements de la discipline archivistique*. Québec: Presses de l'Université du Québec, 1994. 348p. (Collection Gestion de l'information).

SOCIÉTÉ ROYALE DU CANADA. *L'avenir au présent. Les bibliothèques, les centres d'archives et la mémoire collective au Canada / The Future Now. Canada's Libraries, Archives and Public Memory*. Ottawa: Société royale du Canada, 2014. 255p.

SYMONS, T. H. B. *Se connaître: le rapport de la Commission sur les études canadiennes*. Ottawa: Association des universités et collèges du Canada, 1975. 2 vols.

UNESCO (Programme Général d'Information – PGI). *L'harmonisation de la formation en bibliothéconomie, sciences de l'information et en archivistique*. Paris: PGI-87/WS/2, 1987. 16p.

WILSON, Ian E. *Les archives canadiennes: rapport au Conseil de recherche en sciences humaines du Canada. Rapport du Comité consultatif sur les archives*. Ottawa, 1985. 80p.

Recebido em 30/3/2015

Aprovado em 24/7/2015